



Os Wapixána: uma situação de contato interétnico

Orlando Sampaio Silva
Universidade Federal do Pará e
Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE/USP

* e-mail: ossilv@appglobal.net

ILHA

Resumo

A ocupação do território do hoje Estado de Roraima, onde vivem os índios Wapixána e outros grupos tribais, por populações brancas teve início no século XVIII, com a implantação de um sistema econômico ligado ao criatório de gado. Nos dois séculos seguintes, a pecuária do "lavrado" foi praticada de forma extensiva e mediante o emprego de tecnologia de produção rudimentar. Supomos que estes fatos estão correlacionados com as formas pelas quais se concretizaram as situações em que os índios Wapixána (e outros grupos indígenas) passaram a se relacionar, desde o período histórico, com a frente pastoril aí implantada. Com o sistema econômico vigente neste longo período, a sociedade colonial engendrou formas de relacionamentos interétnicos com características específicas. O "dono" da terra e do gado - fazendeiro, arrendatário, posseiro "branco" - encontrou também nas populações indígenas "pacificadas" a força de trabalho de que necessitava apropriar-se. Os índios, a par da lenta progressão dos dominadores sobre os seus territórios, sobreviveram biologicamente e hoje resistem contra a perda das suas terras e se recusam a abrir mão de todos os seus padrões estruturais, sociais e culturais sobreviventes.

Palavras-chaves

Wapixána, sociedade indígena, ONGs, sociedade/natureza

Abstract

Occupation by white populations of the territory of the current state of Roraima, where the Wapixána Indians and other tribal groups live, began in the XVIII century, with the implementation of an economic system linked to cattle raising. In the following two centuries, livestock raising in the region ("lavrado") was practiced extensively and through rudimentary production techniques. We suppose that these facts are correlated with the manners by which the Wapixána Indians (and other Indian groups) started relating to each other, since the historic period and with the installed pastoral front, are correlated to and have become solidified through these factors. With the ruling economic situation during this long period, colonial society gave rise to interethnic forms of relationships with specific characteristics. The "owner" of the lands and cattle - farmer, leaser, "white" settler - also found in the "pacified" indigenous populations the workforce that he needed to appropriate. The Indians, aware of the slow progression of the rulers along their territory, survived biologically, and currently resist the loss of their lands and refuse to abdicate all their surviving structural, social and cultural standards.

Keywords

Wapixána, indigenous society, NGOs, society/nature

Os Wapixána: uma situação de contato interétnico

Orlando Sampaio Silva

Introdução

A pesquisa antropológica no Brasil, principalmente a partir de 1946, com as pesquisas de campo, as atividades institucionais e os textos publicados de Eduardo Galvão, Darcy Ribeiro e, um pouco mais tarde, Roberto Cardoso de Oliveira, tem-se interessado pelo tema que contempla o processo de mudanças pelo qual vem passando a sociedade brasileira e as suas repercussões nas sociedades indígenas. Certamente, a valorização deste assunto ocorre, por um lado, como uma contingência conjuntural e, por outro lado, por uma opção de ordem acadêmica destes e de outros pesquisadores.

Estes estudos se efetivam, todavia, sem omissões quanto às abordagens etnográficas e etnológicas específicas sobre comunidades indígenas particulares ou agrupadas segundo diversos critérios.

Esta dualidade temática se tem expressado através de textos acadêmicos que analisam desde as situações históricas (v.g., Fernandes: 1963), até as complexas situações presentes nos processos sociais e econômicos em curso no país. Um número significativo de monografias e artigos, no campo da Antropologia Social, publicados nos últimos cinquenta anos, dá bem conta da grandeza deste interesse e da necessidade destes estudos.

Uma área do território brasileiro que apresenta singularidades muito próprias nas situações de contatos entre a população nacional e as populações indígenas localiza-se no Vale do Rio Branco e seus formadores, no ex-Território, atual Estado de Roraima.

No estudo preliminar que realizamos nesta área, em meados dos anos 70¹, constatamos que diferentes grupos indígenas - falantes de línguas karib, aruák, Yanoama ou Yanomam - se encontram participando de situações desiguais de contato com diversas frentes econômicas da sociedade nacional. Desses grupos tribais destacamos os Wapixána, de língua aruák, para ser o objeto de estudo *in situ*, neste projeto.

Os grupos locais Wapixána estão dispersos na área de campos e savanas - denominada localmente de "lavrado"² - existente no nordeste de Roraima, onde Diniz (1966, 1967 e 1968) chegou a registrar a ocorrência de 27 comunidades indígenas localizadas, nas quais os Wapixána vivem em aldeias exclusivamente suas ou compartilhadas com índios Makuxi, falantes karib.

Na pesquisa que realizamos nessa área em 1976, registramos, entre os grupos locais, oito que não são referidos em estudos anteriores realizados por outros antropólogos, nos quais os Wapixána ou são habitantes exclusivos, ou compartilham o aldeamento principalmente com os índios Makuxí, ocorrendo também de conviverem com integrantes de outros grupos tribais, tais como os Taurepán (karib) e os Ingarikó (karib). A população Wapixána pesquisada é quantitativamente muito expressiva, conforme veremos.

A ocupação por populações brancas deste setor do território brasileiro teve início no século XVIII, com a implantação de um sistema econômico ligado ao criatório do gado. Esta atividade pastoril não se modernizou ao longo de dois séculos, sendo mantida em estado de semi-estagnação econômica e tecnológica. Esta situação de imobilismo se relaciona com diferentes fatores, tais como o fato de os campos de Roraima se encontrarem, durante séculos, isolados, à grande distância do principal centro de consumo dos produtos pecuários - Manaus. Este condicionamento geográfico era agravado pelo fato de, até os primeiros anos da década de setenta, neste século, a via de escoamento praticamente exclusiva para esta produção ser o transporte fluvial pelo Rio Branco, o qual depende das circunstâncias sazonais das chuvas e, conseqüentemente, do nível das águas do rio, que pode permitir ou não a navegação. Nestes dois séculos a pecuária do "lavrado" foi praticada de forma extensiva e mediante o emprego de tecnologia de produção rudimentar.

Supomos que estes fatores estão correlacionados com as formas pelas quais se concretizaram as situações em que os índios Wapixána (e outros grupos indígenas) passaram a se relacionar, desde o período histórico, com a frente pastoril aí implantada. Não sendo dinâmico o sistema econômico vigente neste longo período, a sociedade colonial engendrou formas de relacionamentos interétnicos com características específicas. O "dono" da terra e do gado - fazendeiro, arrendatário, posseiro "branco" - encontrou nas populações indígenas "pacificadas" a força de trabalho de que necessitava apropriar-se. Os índios, a par da lenta progressão dos conquistadores sobre seus territórios, sobreviveram biologicamente e hoje se negam a abrir mão de todos os seus padrões estruturais, sociais e culturais, que resistiram à destruição.

Uma parte da população Wapixána se tem deslocado para as concentrações urbanas de Roraima, principalmente para Boa Vista, a capital.

Os índios Wapixána estão inseridos num sistema interétnico que, no campo, apresenta um caráter aparentemente uniforme, face à singularidade da economia pastoril aí prevaiente e com a qual estão relacionados. Porém, no âmbito desta uniformidade ilusória, ocorrem desníveis quanto ao grau de dominação (ou de interferência, de convívio, de vizinhança, de distância) nas situações inerentes aos

diferentes estados das relações entre os grupos locais indígenas e a sociedade inclusiva, no interior do processo mais amplo do contato interétnico.

Alguns estudos acadêmicos realizados anteriormente tiveram por objeto os índios Wapixána, de Roraima, e as suas relações com a sociedade nacional (v.g. Hermann, 1946 e 1948, e Diniz, op. cit.). Todavia, mudanças conjunturais vêm-se efetivando naquela área do território brasileiro desde que aqueles estudos foram realizados.

As construções da rodovia BR-174, que faz a ligação entre Manaus e Caracas (Venezuela), bem como da rodovia Perimetral Norte, gizando o território de Roraima, a primeira de sul a norte, e a segunda longitudinalmente de leste a oeste, são fatos conjunturais que se correlacionam com uma movimentação econômica e social que se vem revelando de forma crescente em termos comparativos com a situação desta área do país que, até à fase anterior, se encontrava estagnada no imobilismo sócio-econômico.

Ao longo das rodovias federais, um novo pólo econômico foi implantado, a exploração madeireira, com a instalação de serrarias e a exportação de madeiras até mesmo para a Venezuela, com reflexos na vida tribal.

As rodovias cortam territórios indígenas - como algumas terras Wapixána - e são percorridas por um número crescente de veículos (entre os quais os venezuelanos), que transportam variados gêneros comerciais, tais como a madeira e a carne de boi.

Nas matas de montanhas do noroeste, habitadas por grupos Yanomámi, em ambos os lados da fronteira com a Venezuela, a exploração de garimpos de diamantes e outros minerais transformou-se numa realidade dramática, face aos conflitos entre índios e garimpeiros invasores, além das agressões à natureza. Nesta atividade predatória, que inclui o extrativismo da cassiterita, alguns índios Wapixána se deixam enganar, esporadicamente e por iniciativa individual.

A economia pecuária, por sua vez, dá sinais de dinamização, com o apoio de incentivos fiscais governamentais.

Roraima se tornou um centro de atração de colonos, garimpeiros, trabalhadores sem terra e de marginais provenientes de diferentes regiões do país.

Existem projetos para a construção de usinas hidroelétricas, que poderão intervir direta e indiretamente em diferentes territórios indígenas. A usina de Balbina, já construída no Estado do Amazonas, em área próxima de Roraima, atingiu diretamente as terras dos índios Waimirí-Atroarí, que vivem em torno do limite entre os dois Estados.

Estes são indicadores sócio-econômicos que, em síntese, exprimem mudanças que estão ocorrendo em Roraima, por iniciativa da sociedade nacional e do governo brasileiro, e que interferem no sistema interétnico do qual os Wapixána fazem parte.

Os grupos Wapixána estão localizados no interior e fora dos limites da Fazenda São Marcos; esta integra o patrimônio indígena administrado pela Fundação Nacional do Índio-FUNAI. No interior e fora deste grande território indígena, estes índios se defrontam com invasores brancos, tais como posseiros e "fazendeiros".

Grupos locais Wapixána: áreas de ocorrência, populações

Visitamos 12 grupos locais de índios Wapixána, distribuídos pelas quatro áreas principais de concentração desses grupos, no nordeste de Roraima³. Em alguns casos, obtivemos também informações sobre a existência, dispersão e dados quantitativos referentes a aldeias que se distribuem geograficamente em torno de um grupo local principal por nós visitado, e cujo tuxaua exerce sua liderança também sobre elas.

Em duas oportunidades, assistimos a reuniões “regionais” de tuxauas. Estes encontros de chefes tribais nos propiciaram importantes registros sobre liderança, organização, ideologia política, “fricção interétnica”, mecanismos de ação missionária, etc. Nestas ocasiões, em contatos diretos com tuxauas de grupos locais que ainda não tínhamos tido a oportunidade de visitar, obtivemos diversas informações sobre os respectivos grupos locais.

Visitamos a aldeia Vista Alegre, de índios Makuxí, onde também vivem algumas famílias Wapixána. Localizada no interior da Fazenda São Marcos, a dez quilômetros da sua sede, fizemos registros sobre essa entidade patrimonial, obtidos com informantes índios e com funcionários da FUNAI, tais como dados quantitativos referentes às famílias Wapixána que residem na sede da fazenda.

Demandando aldeias Wapixána, visitamos, de passagem, outros dois grupos locais Makuxí - Tachi e Morro -, onde não se registra a ocorrência de índios Wapixána.

Entrevistamos informantes Wapixána residentes nas cidades de Bonfim, Boa Vista e Lethem, sendo esta no território da República da Guiana, junto à fronteira com o Brasil.

Nas 12 malocas⁴ estudadas, foi abrangida uma população Wapixána de 1.820 pessoas.

Cada grupo local tem um nome, predominando as denominações em vernáculo; outros são nominados com palavras em língua indígena, nem sempre filiadas à língua Wapixána, conforme veremos a seguir.

No caso dos Wapixána, o conceito de grupo local não pode ser utilizado de forma rigorosa, face à organização política, administrativas e de lideranças (chefias) em que se encontram estruturados atualmente. Os tuxauas lideram grupos locais; mas, nalguns casos, encontram-se afetos à sua chefia outros pequenos grupos locais e/ou habitantes em residências isoladas, até mesmo em se tratando de índios Makuxí. Estes, individualmente (adultos solteiros) ou constituídos em famílias, vivem em aldeias Wapixána por razões meramente circunstanciais, voluntariamente, não sendo, portanto, índios de uma etnia submetidos a outros índios pertencentes a outro grupo étnico. As residências isoladas estão disseminadas num raio de muitos quilômetros, em torno da aldeia sede, por assim dizer.

As malocas Wapixána, em Roraima, encontram-se agrupadas em quatro áreas claramente identificáveis, situadas no “lavrado”, no interior das quais (áreas) os grupos locais se distribuem em sub-áreas. Dada a maior proximidade entre as malocas que integram uma mesma área, neste espaço geográfico se estabelecem relações sociais mais dinâmicas e intensas entre os grupos locais. Intercasamentos,

visitas, participação em festas, reuniões de tuxauas são eventos que integram a constelação de interações que se efetivam nesse espaço social.

A distribuição dos grupos locais Wapixána nestas áreas e sub-áreas é claramente constatável na realidade concreta atual, na localização física das aldeias nos campos e savanas. A língua predominantemente usada pelos habitantes de todas as áreas é a wapixána. A língua é um fator de uniformização e interação. Os Wapixána de todas as malocas têm consciência de sua unidade étnica, e (quase todos) falam a língua wapixána. Este elemento de comunicação social - a língua - é um dos fatores de identificação sócio-cultural que distingue estes índios dos demais, que se filiam a outras vertentes lingüísticas, em Roraima. Mesmo assim, há variações locais do linguajar wapixána, fato que é referido pelos próprios falantes. Hermann (1946: 126-30)⁵, manipulando as observações etnográficas de campo de Mauro Wirth⁶, classificou “cinco divisões dialetais” na “língua geral” falada pelos Wapixána. Aquela autora, a partir dos “dialetos” identificados nas falas usadas nos “estabelecimentos”, “tabas” e “malocas” Wapixána, registrou os seguintes “grupos dialetais”: “Vapidiania-Verdadeiro”, “Karapivi”, “Pravilhana”, “Tipikeari” e “Aturaiú”; localizou espacialmente aqueles “estabelecimentos”, “tabas” e “malocas”, e definiu as áreas de ocorrências dos dialetos. Grosso modo e nos casos em que as denominações das malocas referidas por Hermann ainda são, hoje, identificáveis, estas áreas estabelecidas com base em critérios lingüísticos coincidem, em parte, com as áreas em que presentemente se agrupam as malocas Wapixána, em seus complexos componentes sociais, lingüísticos e geográficos.

Conforme constatamos, as malocas Wapixána se encontram dispersas ao norte, a leste e a oeste da capital de Roraima, Boa Vista, em distâncias que chegam a atingir pouco mais de 100 quilômetros em relação àquela cidade. Distribuem-se nas seguintes Áreas, Sub-Áreas e grupos locais, e respectivas populações específicas⁷:

a) Área da Serra da Lua

Grupos	Locais	População
<i>Sub-Área I:</i>		
1	Taba Lascada	210
2	Malacacheta	283
3	Canoani	230
<i>Sub-Área II:</i>		
4	Pium	161
5	Manoá	400
6	Alto Arraia	174
7	Moscou ou Recanto da Saudade	160
<i>Sub-Área III:</i>		
8	Jacamim	206
9	Uapôm	63
10	Marupá	143

(Cont.)

(Cont.)

Grupos	Locais	População
<i>Sub-Área IV:</i>		
11	Jaboti ⁸	64
b) Área do Taiano e Serra da Moça		
<i>Sub-Área I:</i>		
12	Barata	286
13	Livramento	78
14	Pium ⁹	144
15	Truaru	122
16	Anta ¹⁰	104
<i>Sub-Área II:</i>		
17	Serra da Moça	119
18	Serra do Truaru	105
19	Morcego	26
c) Área dos Rios Amajari e Parimé		
<i>Sub-Área I:</i>		
20	Ponta da Serra	98
21	Urucuri	
22	Juraci	
<i>Sub-Área II:</i>		
23	Boqueirão dos Três Corações ¹¹	
24	Mangueira	
25	Guariba	
26	Arurái	
27	Araçá ¹²	
28	Ouro ¹³	
d) Área da Fazenda São Marcos (administrada pela FUNAI)		
<i>Sub-Área I:</i>		
29	Lago Grande ¹⁴	173
<i>Sub-Área II</i>		
30	Bala ¹⁴ 16 17	

Famílias e/ou indivíduos solteiros Wapixána residem isolados no “lavrado”, fora, portanto, daqueles grupos locais; há também os que vivem de perto com índios Makuxí, amplamente majoritários (aldeias Makuxí), em outros grupos locais.

Em centros populacionais da sociedade nacional, como Boa Vista e outros, em processo de urbanização, vivem índios Wapixána (ainda não quantificados), lado a lado com a população não indígena.

Grupos indígenas visitados

Visitamos os seguintes grupos locais:

a) Na Área da Serra da Lua:

- 1 - Taba Lascada
- 2 - Malacacheta
- 3 - Canoani
- 4 - Pium
- 5 - Jaboti

b) Na Área do Taiano e Serra da Moça:

- 6 - Barata
- 7 - Livramento
- 8 - Serra da Moça
- 9 - Serra do Truaru
- 10 - Morcego

c) Na Área dos Rios Amajari e Parimé:

- 11 - Ponta da Serra

d) Na Área da Fazenda São Marcos:

- 12 - Lago Grande (Vista Alegre)

Observações de campo

Buscamos interpretar e compreender o material coletado no campo enfocando nossa análise na sociedade Wapixána, considerada a situação social em que está inserida, portanto em relação ao sistema interétnico em que índios e a sociedade nacional em expansão estão envolvidos. Procedemos à análise dos contextos sociais enfocados no processo em curso no interior da situação de contato interétnico, apreendendo a sua dinâmica in flux, evitando deliberadamente uma visada inadequada - por partir de um viés teórico excludente e parcial - como aconteceria na perspectiva de “um estudo analítico sincrônico, no qual lidamos com um sistema tal como existe em determinado tempo, abstraindo, tanto quanto possível, quaisquer mudanças que possa estar sofrendo” (cf. Radcliff-Brown, p. 62. Org. J. C. Melatti, 1978).

Os diversos grupos locais Wapixána estudados não ocupam um mesmo momento sociológico no interior do sistema interétnico de que participam. Os elementos que integram a ordem sócio-cultural dessa tribo indígena foram atingidos em graus desuniformes de intensidade. Os Wapixána - como os Makuxí - têm tido a sua sociedade pressionada por ações oriundas da sociedade dominante na situação colonial¹⁸ em que estão inseridos, não apenas no nível econômico, mas também nos níveis ideológico e psicossocial. Em consequência e em função das influências exercidas sobre esses índios pelos agentes de diferentes espécies que representam o “mundo dos brancos”, a identidade étnica nos agrupamentos societários Wapixána sofre maior ou menor impacto e é direcionada em sentidos divergentes ou convergentes. Estes encontros produzem reflexos na etnicidade.

Ou seja, no momento histórico surpreendido na nossa pesquisa, há grupos locais que, em seu conjunto, não se sentem inseridos numa situação de “fricção interétnica” e se consideram em convergência pacífica e respeitosa no que se refere aos seus interesses sociais e aos do “mundo dos brancos”¹⁹, com o qual se procuram identificar socialmente cada vez mais. Outros, embora buscando esta identificação, têm consciência de que são participantes de situações nas quais há conflitos de interesses entre as duas sociedades. Por fim, outros têm forte consciência da situação de opressão a que estão submetidos e, por isto, buscam reforçar a própria identidade étnica indígena Wapixána, que é contrastiva em relação ao espectro identitário da sociedade dominante, e assumem esta atitude como uma forma de enfrentar confrontos e os avanços dos dominadores sobre as suas sociedades e as suas terras.

Nestas conformações de atitudes coletivas desses grupos locais Wapixána ante a sociedade inclusiva, percebem-se variações de intensidade no esforço de estabelecer reforços das identidades étnicas e, conseqüentemente, no direcionamento dos seus comportamentos sociais face à sociedade envolvente, bem como no contexto sócio-cultural interno. Nesta última instância, a preservação ou, por outro lado, a renúncia gradual a padrões sociais e culturais podem estar até mesmo sujeitas a um sistema complexo de fluxo e refluxo, em função da maior ou menor auto-valorização étnica de cada grupo local. Nestes comportamentos sociais alternativos exercem influência os conteúdos ideológicos das mensagens emitidas pelos diferentes segmentos da sociedade envolvente, com endereços certos, os grupos indígenas. A par destas variações que aparecem à superfície, nas expressões sociais explícitas nos grupos locais, podemos afirmar que, no plano recôndito das representações e dos valores, todos, vis-à-vis o “mundo dos brancos”, se sentem índios Wapixána. As relações sociais entre os grupos locais Wapixána e os diversos segmentos da sociedade envolvente se caracterizam por uma maior ou menor assimetria (ou por uma maior ou menor simetria). Ressalte-se, pela importância de que se reveste, a influência que tem, entre os grupos indígenas de Roraima, a mensagem indutora de auto-afirmação étnica emanada de lideranças e organizações indígenas de caráter mais amplo no país, ação esta que também objetiva a conquista, junto à sociedade nacional, do reconhecimento de direitos necessários e fundamentais à preservação biológica, social e cultural das populações indígenas.

No que tange às relações sociais no âmbito dos contatos intertribais, no nordeste de Roraima, observam-se interrelacionamentos e interinfluências, num processo de que são parte os Taurepán (que vivem na Venezuela e no Brasil), os Ingarikó (que se localizam no Brasil, na Guiana e na Venezuela), os Makuxí (indios que, como os Wapixána, têm suas habitações no Brasil e na Guiana) e os Wapixána. A aldeia Boca da Mata, próxima da fronteira com a Venezuela, é paradigmática neste sistema de múltiplas influências, pois nela se encontram em prolongado convívio famílias pertencentes às quatro etnias indígenas. Porém, em termos mais amplos da região nordeste de Roraima, as relações aculturativas têm lugar de forma mais efetiva entre os Wapixána e os Makuxí, que compartilham

um expressivo número de aldeias. É exemplar, no interior deste sistema multissocietário, a importância, na vida cotidiana desses povos, dos mitos e crenças relativos aos Kanaimés, entidades (pajés) malignas. É na dimensão mítica e na ritualística que se dá o mais estreito entrecruzamento sócio-cultural. As grandes "festas" rituais do *parixára* (folha de inajá), do *tucú* (beija-flor) e do *arerú* (aleluia, de influência externa católica) - com as quais promoviam um notável intercâmbio entre grupos locais -, praticamente em desuso, ainda se encontram vivas na memória dos mais velhos, que delas se recordam com emoção. Os ritos e mitos dos índios corredores, os ritos propiciatórios da caça e da pesca e os ritos de passagem do nascimento, da puberdade, da morte e do enterramento, assim como os ritos dos pajés, que eram centrais na dinâmica da sociedade Wapixána, hoje se encontram esquecidos, ou fora de uso ou se manifestam apenas de maneira tênue (cf. Orlando Sampaio Silva, 1985). Porém, na efetividade concreta ou na memória das dimensões mítica e ritualística se encontra um dos fundamentos básicos da etnicidade deste povo. Neste mesmo setor da cultura se estabelecem encontros entre as sociedades indígenas do nordeste de Roraima, num amplo processo aculturativo intertribal. Percebe-se, também, a prevalência de um equilíbrio nas tensões existentes nas relações sociais entre as diversas etnias indígenas, principalmente entre os Wapixána e os Makuxí, tensões estas que têm gênese histórica. Elas são minimizadas pelo fato prevalente de todos experimentarem estados semelhantes no processo mais geral dos seus contatos e confrontos com a sociedade não indígena.

A sociedade urbanizada não indígena como um todo, em Boa Vista e em outras cidades e vilas - onde famílias e pessoas solteiras ou isoladas indígenas se encontram diluídas em meio às populações - pressiona as sociedades e indivíduos indígenas, direta e indiretamente, de forma a gerar mudanças nos comportamentos, usos e costumes, e nos valores, bem como fazendo aflorar necessidades antes não sentidas.

A quase totalidade dos Wapixána adultos, que são residentes nas aldeias que visitamos, são bilíngües, ou seja, comunicam-se na língua wapixána (aruák) e em português. Há aldeias, como a Barata, a Livramento e a Serra da Moça, nas quais apenas os mais velhos são capazes de usar a língua indígena. Há, entretanto, grupos locais, como o Jacamim, nos quais todos - adultos, adolescentes e crianças - falam português e wapixána. Existem aldeias nas quais, em algumas famílias, todos são bilíngües, enquanto em outras é falado apenas o português, embora os adultos digam que "compreendem" o wapixána. Há-as ainda nas quais os adultos dominam a língua indígena e o português e os filhos apenas o idioma da sociedade dominante. Neste último caso está a maioria dos grupos locais visitados ao longo da pesquisa, tais como, v.g.: as aldeias Canoani, Taba Lascada e Malacacheta. Estas informações referem-se às pessoas de ambos os sexos.

O bilingüismo constatado em muitos indivíduos indígenas não significa sempre e necessariamente o conhecimento, por parte dos falantes, das línguas portuguesa e wapixána. As pessoas que vieram há pouco tempo da Guiana não falam o português, porém falam inglês (além do wapixána). Os que migraram há vári-

os anos para o Brasil, em geral, falam o wapixána, o inglês e já aprenderam o português. Mas, todos os índios Wapixána originários da Guiana, de ambos os sexos, dominam a língua wapixána.

Nas malocas visitadas, constatamos uma duplicidade no uso de equipamentos materiais, uma vez que são empregados objetos de fabricação indígena, que integram a sua cultura material, e outros industrializados que são adquiridos nos mercados dos centros urbanos. Assim, registrou-se a produção e o uso de objetos tais como: bancos indígenas preparados com o uso de cascos trabalhados de jabutis ou com toras de madeiras com cerca de 30 cm de altura, pintadas ou não; fusos para fiar algodão produzido nos seus roçados; peneiras, paneiros; e “pás” ou “remos” de madeira utilizados para movimentar a massa de mandioca durante a fabricação de farinha nos fornos metálicos. Estes fornos se encontram nas “casas de farinha” (locais em que a farinha é fabricada), são feitos de ferro e têm forma circular, e são adquiridos no comércio de Boa Vista; há fornos que são confeccionados pelos próprios produtores indígenas, com o emprego de pedaços de Flandres, com os quais constituem o fundo do forno, sendo as beiradas laterais preparadas de madeira. Também estão presentes: cuias; cabaças de coité; maracás para uso ritual; lanças usadas na caça, etc. Foram encontrados, com amplo uso, cuja intensidade varia de maloca a maloca: bicicletas - são utilizadas como transporte nas visitas internas, intergrupais, intertribais e mesmo para deslocamentos a Boa Vista -, máquinas de costura; carrinhos de mão metálicos e carroças puxadas por bois.

A cultura material Wapixána foi drasticamente abalada, devido às influências insinuantes do aparato apresentado pela sociedade envolvente.

Os focos de influência que atuam sobre os grupos indígenas como forças de pressão mais eficazes e efetivas, muito embora produzindo efeitos frequentemente contraditórios, são a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o Governo de Roraima, a Igreja Católica e os fazendeiros.

A FUNAI, por um lado, presta assistência médica e medicamentosa da melhor maneira possível, nas condições em que atua, considerando-se que as aldeias indígenas se distribuem em ampla área do território de Roraima e que os índios são contaminados por moléstias que lhes são transmitidas de forma descontrolada pelo homem “branco”; a repartição protecionista procede ainda à demarcação e à delimitação de diversos territórios indígenas, procurando, tanto quanto possível, ser fiel à territorialidade desses índios; por outro lado, o órgão tutelar pratica atos carregados de paternalismo e se omite ou age de forma demasiadamente lenta face a situações extremamente graves, como nos casos das invasões de áreas indígenas por fazendeiros, que expandem, assim, as “suas” terras.

O governo de Roraima interfere por meio de procedimentos assistenciais, v.g.: na educação escolar e na agricultura, e deixa latente na sua ação um projeto integracionista e etnicamente descaracterizador.

A Igreja, a par da ação catequética (missas, casamentos religiosos, batizados, orações, ladainhas e ensino do catecismo), procura atuar, da forma mais eficiente

que seus missionários são capazes, objetivando organizar as lideranças indígenas - os tuxauas - e conscientizar as comunidades dos índios quanto aos seus direitos reais perante a sociedade envolvente, bem como - mesmo em contradição com aquela ação missionária acima referida - intenta despertar, incentivar e reforçar a identidade étnica do grupo, a etnicidade. Os missionários buscam minimizar a aparente incoerência ou ambiguidade entre este último projeto da Igreja e o primeiro - o catequético - com o argumento de que “estas comunidades já foram, no passado, envolvidas pela ação catequética dos missionários católicos, desde os séculos XVII e XVIII”.

Os fazendeiros agem de dupla maneira. Ora empregam a violência, invadindo territórios indígenas, ou resistindo em desocupar áreas indígenas invadidas. A atitude de desrespeito aos direitos dos índios também se manifesta indiretamente, mediante a prática de influência junto a órgãos governamentais, na expectativa de terem reconhecidos direitos seus em detrimento dos direitos indígenas sobre as terras. Adotam, também, outros meios, estes pacíficos e regulares, ao recorrerem às lides judiciais, ocasiões nas quais se defrontam com as comunidades indígenas, quase sempre representadas pela FUNAI. Índios, individualmente, em grupos familiares ou em grupos masculinos, deixam-se levar às “fazendas” como trabalhadores, para realizar tarefas em empreitadas (como construções de cercas, p. ex.), ou para o trato com o gado. Nesta segunda situação, ora trabalham em parceria com o “fazendeiro” (recebendo, p. ex., 1/5 das crias), ora como assalariados, prevalecendo, nos últimos tempos, este último sistema. Trata-se de uma forma de exploração da mão-de-obra indígena pelos que, quase sempre, são invasores das terras dos explorados.

Também se deve registrar que a Rádio Nacional de Roraima transmite mensagens oficiais e particulares, de órgãos públicos - como a Delegacia da FUNAI -, de índios, de missionários e de outras pessoas para os índios individualmente e para as comunidades nos grupos locais. Em todos estes há rádios receptores e, na maior parte das aldeias, a maioria das famílias tem rádios particulares. Encontramos em funcionamento na maloca Barata dois aparelhos de televisão ligados em baterias de carros, um dos quais na casa do tuxaua. Estradas de rodagem passam nas proximidades de aldeias indígenas, levando, muitas vezes, não-índios ao contato descontrolado com os indígenas. Indisfarçavelmente, estes fatos com caráter modernizador - rádio, televisão, rodovias - possuem um claro poder gerador de mudanças sócio-culturais deformadoras entre os índios; mas no presente, na realidade concreta da situação social de que são participantes, estes fatores respondem também, significativamente, a necessidades sociais engendradas e já sedimentadas nesses grupos indígenas, nas áreas da comunicação e do transporte, pois os Wapixána, como foi dito acima, estão em contato com o “mundo dos brancos”, na sua fase mais efetiva, desde o século XVIII, e estão inseridos neste processo recente de mudanças sócio-culturais.

Os casos de migrações entre aldeias Wapixána e Boa Vista e outras cidades não são quantitativamente relevantes, na sociedade Wapixána. O ethos Wapixána, por assim dizer, não tem sido alterado em consequência do pequeno movimento

migratório registrado, o qual tende a refrear-se e até mesmo a sofrer um refluxo, ante à reavaliação que a sociedade Wapixána tem feito dos valores que estão em jogo neste processo.

O volume inquietante de intervenções da sociedade inclusiva nas aldeias Wapixána provoca sentimentos de ambivalência psicossocial e alterações na visão de mundo desses índios. Todavia, esta inquietação não se apresenta de forma uniforme nos múltiplos grupos locais. Alguns são mais afetados, e estes diferentes estados, no interior do sistema interétnico, são condicionados pelas experiências históricas de cada grupo, pelas formas como estão sendo tratados, no presente, pelas diversas frentes da sociedade dominante, e por fatores internos relacionados com lideranças, coesão grupal e migrações intergrupais, entre outros menos relevantes. Mesmo sendo surpreendente, verifica-se que a distância espacial entre o centro urbano e a maloca não é um fator crucial nesse processo, até porque, salvo raras exceções, as aldeias desses índios não se encontram espacialmente encostadas em núcleos urbanos.

Registre-se, ainda, que a migração de índios Wapixána, em escala considerável, da República da Guiana para Roraima, introduz, neste contexto, um outro fator importante para a compreensão do *sistema*. Os índios provenientes da Guiana são originários de diferentes contextos sociais. Há os que vêm de aldeias Wapixána, ou mistas destes índios em convívio com os Makuxí; alguns provêm de casas isoladas, e outros saíram de situações interétnicas em vilas rurais ou em cidades. *Aquele país não tem uma política indigenista claramente definida e institucionalizada*, mas, na prática, as ações governamentais e da sociedade se orientam para um processo de integração dos índios à sociedade envolvente.

Neste amplo contexto social, verificam-se ambigüidades que, claramente, exibem sintomas de um deslocamento em processo²⁰.

Terminologia de parentesco

Um dos sinais importantes de etnicidade em meio aos grupos indígenas de Roraima, como os Wapixána, está na preservação de suas línguas originárias, que são empregadas, primordialmente, nos contatos internos.

Em diversas aldeia (Lago Grande, Taba Lascada, Malacacheta, Canoani, Barata, Jaboti, Pium) registramos termos de parentesco em língua Wapixána, os quais estamos submetendo à análise antropológica, à luz das teorias pertinentes (Radcliffe-Brown, Godelier, Murdock, Lévi-Strauss etc.)²¹, consideradas as observações diretas das relações parentais que realizamos nas comunidades indígenas.

Alguns trabalhos anteriormente publicados sobre os índios de Roraima²², oferecendo-nos a possibilidade da realização de comparações e verificação de informações, levam-nos a perceber discrepâncias nas constatações. A este propósito, avançamos a seguinte hipótese: As variações entre os registros anteriores e aqueles que realizamos decorrem provavelmente da distância temporal entre os registros, tempo em que podem ter ocorrido mudanças terminológicas provocadas por diferentes fatores, entre os quais está a presença ou não, nos

grupos locais, de índios Wapixána originários da Guiana e a influência constante que é exercida sobre os Wapixána como um todo, nos mais variados níveis, pela sociedade envolvente. A nossa hipótese contempla a idéia de que os termos de parentesco Wapixána, se bem que estejam em uso na linguagem viva deste povo pelos que dominam a língua, vêm perdendo o seu significado estrutural na trama das relações de parentesco na concretude da sociedade. Assim, a organização social, os compromissos nela inclusos, os status, as proibições relacionais, os tabus contidos nas relações de parentesco na sociedade Wapixána concreta, agora, têm significados e estão mais ordenados pela ética e pela moral da sociedade envolvente; ao mesmo tempo, os termos de parentesco Wapixána, no processo em que perdem os seus significados simbólicos tradicionais, se vão tornando apenas referências do passado na língua que se despoja no presente.

Assim, até ao ponto em que chegaram os nossos estudos de campo entre os Wapixána e considerados os grupos locais em que registramos termos de parentesco, podemos dizer que as várias alternativas de interações socialmente permitidas ou não a ego masculino em relação aos seus parentes cognatos são muito mais reguladas pelo fato destes serem seus pai, mãe, irmã, irmão, primo, prima, tio, tia, filho, filha (cf. nosso vernáculo e as posições ocupadas na família, segundo a nossa cultura) do que por serem dáre²², dáro, dá:d:kú, inhaôr, tiauanái (filho da irmã da mãe) e tiamín (filho do irmão do pai) e tchián (filho do irmão da mãe) e tiauanái (filho da irmã do pai), darokú-ába (filha do irmão do pai) e tiarrô (filha da irmã da mãe) e tiarrô (filha da irmã do pai) e in-renádi (filha do irmão da mãe), tia:mi-rô (irmão do pai), ta:tái (voc.)²⁴, e ta:tái (irmão da mãe), wa:nã / ou / wa:nê (irmã do pai) e wa:nê (irmã da mãe) ma:mãe (voc.), dâne / ou / dan (filho), dâne / ou / dan / ou / dan rinab / ou / rená (filha)²⁵ (sendo, todos estes, termos de parentesco Wapixána).

Os termos designativos da posição na parentela, ora são iguais, ora são divergentes em grupos locais diversos, como nos seguintes exemplos:

Pai = dáre (grupos locais Lago Grande, Taba Lascada, Malacacheta, Canoani);

Mãe = dáro (Lago Grande e Canoani), dáuro (Taba Lascada), dâru (Malacacheta);

Irmão = inhur / e / uêrre (Lago Grande, h. f.)²⁶, árre (Lago Grande, m. f.)²⁷, in-ur (Taba Lascada, h. f.), auer (Taba Lascada, m. f.), inhaôr (Canoani, h. f.), árrri (Canoani, m. f.);

Irmã = dá:d:kú (Lago Grande, h. f.), unhauro (Lago Grande, m. f.), dadukú (Canoani, h. f.), inhaor (Canoani, m. f.).

Comparando o nosso levantamento com registros procedidos por outros antropólogos, que estiveram anteriormente com os Wapixána, verifica-se que, nalguns casos, os termos para as mesmas situações estruturais na parentela são iguais, mas noutros diferem, como nos casos a seguir:

Pai = dáre (n.p.)²⁸, dáre (Diniz)²⁹ e dáre (Hermann)³⁰;

Mãe = dáro (n.p.), dâru (Diniz) e (Hermann);

- Irmão = inhaôr (h.f.) (n.p.), árri (m.f.) (n.p.), urre (h.f.) (Diniz), árre (m.f.) (Diniz), un-inhau-úre (h.f.) (Hermann), un are (m.f.) (Hermann);
 Irmã = dád:kú (h.f.) (n.p.), unhauro (m.f.) (n.p.), darucu (h.f.) (Diniz), árri (m.f.) (Diniz), dadukú (h.f.) (Hermann), inháuru (m.f.) (Hermann);
 Filho = dáne / ou / dan (n.p.), dáne (Diniz), u-dane-dauernaoru (Hermann);
 Filha = dáne / ou / dan / ou / dan rinab / ou / rená (n.p.), dáne (Diniz), u dane röna (Hermann);
 Marido = daiáre (n.p.), daiáre (Diniz), Daiyare (Hermann);
 Esposa = daiauro (n.p.) daiáuru (Diniz), Daiyaru (Hermann).

O nosso levantamento de termos de parentesco podemos dizer que foi realizado exaustivamente, abrangendo situações cognatas e afins. Diniz, no seu texto citado anteriormente (1968: 2), assim se pronuncia: “Esta sucinta informação restringe-se à terminologia de parentesco, como sugere o próprio título. O seu escopo visa ser menos uma pretensa contribuição, mais uma trilha de trabalho”. Estamos tentando trabalhar nesta trilha aberta por Diniz. O estudo prosssegue.

Referências bibliográficas

- BALANDIER, George. *Sociologie actuelle de l'Afrique noire: dynamique sociale en Afrique Centrale*. Paris: PUF (Quadrige), 1982.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O índio e o mundo dos brancos: a situação dos Tükúina do Alto Solimões*. S. Paulo: Difel, 1964.
- _____. *Urbanização e tribalismo: a integração dos índios Terêna numa sociedade de classes*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1968.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de; FARIA, Luiz de Castro. “O contacto interétnico e o estudo de populações”. *Revista de Antropologia*, v. 17-20, 1ª parte, São Paulo, 1969-1972.
- COUDREAU, Henri A. *La France Equinoxiale: voyage à travers les Guyanes et l'Amazonie*. Paris: Challamel Ainé Ed. (Librairie Coloniale), 1887.
- DINIZ, Édson S. “O perfil de uma situação interétnica: os Makuxí e os regionais de Roraima”. *Bol. do Museu P. “Emílio Goeldi”*, Belém, Antropologia, n. 31, 1966.
- _____. “Os Makuxí e os Wapixána: índios integrados ou alienados?” *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, v. 2 (Antropologia), CNPq, Belém, 1967.
- _____. “A terminologia de parentesco dos índios Wapixána”. *Bol. do Museu P. “Emílio Goeldi”*, Belém, Antropologia, n. 34, , 1968.
- FERNANDES, Florestan. *Organização social dos Tupinambá*. São Paulo: Difel, 1963.
- GALVÃO, Eduardo. “Áreas culturais indígenas do Brasil: 1900-1959”. *Bol. do Museu P. “Emílio Goeldi”*, Belém, Antropologia, n. 8, 1960.
- GODELIER, Maurice. *La production des grands hommes: pouvoir et domination masculine chez les Bariya de Nouvelle-Guinée*. Paris: Fayard, 1982.
- HERMANN, Lucila. “A organização social dos Vapidiana do Território do Rio Branco”. *Sociologia*, São Paulo, 8, 1946.

- _____. "A organização social dos Vapidianas do Território do Rio Branco". *Sociologia*, São Paulo, 9, 1948.
- IM THURN, Everard F. *Among the Indians of Guiana*. New York: Dover, 1967.
- KOCH-GRÜNBERG, Theodor. *Vom Roraima zum Orinoco: Ergebnisse einer reise in nord brasilien und Venezuela in den Jahren 1911-1913*. Estugarda: Strecker und Schröder, 1923. v. II.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O pensamento selvagem. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1970.
- MÉTRAUX, Alfred. *Les Indiens de l'Amérique du Sud*. Paris: Éd. A.-M. Métailié, 1982.
- MUSSOLINI, Gioconda. *Ensaços de antropologia indígena e caiçara*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- RADCLIFFE-BROWN, A. R. *Estrutura e função na sociedade primitiva*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- _____. "Sistemas africanos de parentesco e casamento". *Introdução a Radcliffe-Brown - Antropologia* (Org. de J. C. Melatti. Coord. de F. Fernandes). São Paulo: Ática, 1979.
- REDFIELD, Robert. *The Primitive World and Its Transformations*. Ithaca, N.Y.: Cornell U. P., 1956.
- RIBEIRO, Darcy. "Culturas e línguas indígenas do Brasil". *Educação e Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 6, 1957.
- SAMPAIO-SILVA, Orlando. "Os grupos tribais do Território de Roraima". *Revista de Antropologia-USP*, São Paulo, v. 23, 1980.
- _____. "Os Yanoama: denominações de um povo sem esperança". *Revista de Antropologia-USP*, São Paulo, v. XXIV, 1981.
- _____. "Sociedade Wapixána: ritos e mitos (registros preliminares)". *Revista do Museu Paulista-USP*, São Paulo, v. XXX, 1985.
- SCHADEN, Egon. "Aculturação indígena: ensaio sobre fatores e tendências da mudança cultural de tribos índias em contacto com o mundo dos brancos". *Revista de Antropologia*, São Paulo, FFCL-USP, v. 13, n. 1 e 2, jun. e dez. 1965.
- WISSLER, Clark. *The American Indians*. New York: American Museum of Nat. History, 1938.

Notas

¹ A pesquisa de campo foi realizada em duas etapas: uma primeira aproximação em 1976; na fase definitiva, em períodos intermitentes nos anos de 1982, 83 e 84-85.

² Termo empregado, para designar extensas áreas do nordeste de Roraima, compostas de campos recobertos por um tipo de capim alto e/ou por uma vegetação do tipo savana constituída de pequenas árvores retorcidas, isoladas. Nesta mesma zona de Roraima registra-se, também, a ocorrência de matas de galeria ao longo de alguns rios. Ao norte deste setor, constata-se morros e montanhas, que se adentram no sentido sul-norte. Aquela vegetação do tipo savana sobe pelas encostas dessas elevações.

³ A orientação teórica predominante que adotamos tem a ver com os termos em que Cardoso de Oliveira (1968) faz a explanação a seguir: "Pela ênfase na compreensão do índio em situação, ampliam-se a área de observação do pesquisador, que passa de imediato a estudar também a sociedade alienígena, nacional ou colonial; não adota uma abordagem "culturalista", por considerá-la inadequada à apreensão de um comportamento interétnico in fluxu, incapaz por isso de se fixar em padrões perceptíveis à descrição etnológica tradicional".

⁴ "Maloca" é a expressão pela qual as populações indígenas e não-indígena de Roraima referem-se aos grupos locais, às aldeias e às residências indígenas isoladas no campo e na savana.

⁵ Hermann, Lucila - A organização social dos Vapidianas do Território do Rio Branco. *Sociologia*, São Paulo, 8/1946.

⁶ Os registros de Wirth foram realizados durante sua ação missionária naquela parte do território brasileiro, entre 1935 e 1939.

⁷ Apresentamos apenas as populações dos grupos locais que pesquisamos e/ou dos quais obtivemos informações sobre populações através de seus tuxauas por nós entrevistados em outros locais.

⁸ Um outro grupo local, o Moriru, por não ter tido “assistência” da FUNAI, que não o reconheceu como tal, perdeu muitos de seus integrantes, que se mudaram para outros locais, restando apenas poucos remanescentes (cf. um informante indígena).

⁹ Aldeia mista, com predominância quantitativa de índios Wapixána sobre os Makuxí.

¹⁰ Aldeia mista, com predominância quantitativa de índios Makuxí sobre os Wapixána.

¹¹ Grupo local misto, com predominância quantitativa de índios Wapixána sobre os Makuxí.

¹² Neste local vivem índios Wapixána e Makuxí, com predominância quantitativa dos últimos.

¹³ Neste se encontram índios Wapixána e Makuxí, com predominância quantitativa dos primeiros.

¹⁴ O grupo local do Lago Grande é composto de 57 pessoas; as demais, que estão computadas entre as 173 registradas, residem em malocas vizinhas sob a liderança do Tuxaua Atanásio, do Lago Grande. As pequenas malocas vizinhas são: Uânacara, Bonfim, Caruari, Tauari, Maloquinha, Uarami, Todos Querem, Olho d'Água, Jutai, Rancho Alegre, São Francisco, Nova Zelândia, Urucuri, Nova Fazenda e Milho.

¹⁵ Grupo local misto de índios Makuxí e Wapixána, com predominância quantitativa dos últimos.

¹⁶ Vista Alegre é um grupo local Makuxí, no qual vive uma pequena minoria Wapixána, estando situado na Fazenda São Marcos, em cuja sede alguns índios Wapixána são funcionários da FUNAI.

¹⁷ Nas cidades de Bonfim e Lethem - que se encontram frente a frente, na fronteira do Brasil com a República da Guiana -, entrevistamos índios Wapixána. Assistimos a duas reuniões de Tuxauas (cf. acima), a saber: da Área da Serra da Lua e da Área do Taiano e da Serra da Moça, realizadas nas aldeias Malacacheta e Livramento. Nestas oportunidades, entrevistamos os tuxauas dos seguintes grupos locais: Jacamim, Uapôn, Marupá, Moscou (Recanto da Saudade), Anta, Boqueirão, Aningal, Plum, Mangueira e Truaru. Em Boa Vista, entrevistamos funcionários da FUNAI, índios Wapixána residentes na cidade, índios Wapixána originários de suas aldeias em visita à Delegacia do órgão tutelar, missionários católicos, o Secretário de Promoção Social de Roraima, o encarregado do Departamento de Assuntos Culturais da Secretaria da Educação de Roraima, e funcionários responsáveis pelos seguintes órgãos: FIBGE, setor de Estatística do Governo de Roraima e MOBREAL. As entrevistas com não-índios objetivaram a obtenção de informações sobre a ação missionária e de órgãos públicos junto às comunidades indígenas Wapixána. Entrevistamos funcionários do órgão protecionista em Postos Indígenas (PI), nas aldeias.

¹⁸ Empregamos esta expressão conforme o conceito de Balandier, para caracterizar “situações de subordinação/dominação” em que o autor encontrou povos tribais em áreas de dominação européia, na África. É adequado o seu emprego no caso em estudo em Roraima, por um lado, por terem os fatos abordados sua origem ainda no período histórico do Brasil colônia, no século XVIII, e, por outro lado, porque, mesmo nos dias atuais, a dinâmica no interior do sistema interétnico, em Roraima, mantém características de uma situação de dominação do tipo colonial. Cs. Balandier, G. - Sociologie actuelle de l'Afrique noire, 1982.

¹⁹ Sobre a conceituação de “fricção interétnica”, cs. Cardoso de Oliveira, R. - O Índio e o Mundo dos Brancos, 1964; sobre o conceito de “mundo dos brancos”, idem e, tb., E. Schaden - Aculturação Indígena. Rev. de Antropologia, Vol. 13. N.ºs: 1 e 2, 1965.

²⁰ O estudo antropológico do conjunto destes fatos, certamente, encontra respaldo teórico no conceito de situação colonial de Georges Balandier (op. cit., 1982), na abordagem dos sistemas interétnicos, sg. Cardoso de Oliveira (Urbanização e Tribalismo, 1968), na hipótese de áreas culturais indígenas, em E. Galvão (Áreas Culturais Indígenas do Brasil: 1900-1959 [1960]) e no modelo das situações de contato, de D. Ribeiro (Culturas e línguas indígenas do Brasil, 1957), cada uma destas contribuições científicas em sua especificidade.

²¹ “Parte de qualquer sistema de parentesco é um sistema de termos pelos quais a parentes de diferentes tipos se trata ou se refere como parentes. O primeiro passo no estudo de um sistema de parentesco é descobrir quais são os termos usados e como são usados. Mas isto é somente o primeiro passo. A terminologia tem que ser considerada em relação ao sistema inteiro de que é parte”. “A realidade de um sistema de parentesco, como parte de uma estrutura social, consiste nas relações sociais reais de pessoa a pessoa, conforme demonstrado pelas suas interações e pelo comportamento de uma com respeito à outra”. (Radcliffe-Brown - *Sistemas Africanos de Parentesco e casamento - Introdução* (1950), op. cit., 1978.

“La richesse devient donc un principe d'échange matrimonial non à la frontière même des Baruya, mais à celle de la région économique à laquelle ils appartiennent. C'est tout à fait différent dans les sociétés où la femme est obtenue contre une dot et où sont encaînées de manière interne, directe, la production de certaines richesses matérielles et la reproduction des rapports de parenté et des groupes locaux. Alors se trouve ouverte la possibilité d'accumuler des biens pour accumuler des femmes ou, l'inverse, d'accumuler des femmes pour accumuler des biens.”

“Quoi qu'il soit de cette discussion théorique, le postulat de l'équivalence des femmes implique également que les femmes s'équivalent non seulement dans la logique abstraite, la balance politique des échanges matrimoniaux, mais dans la logique concrète du travail fourni et des services rendus; qu'elles aient été routes formées à être dures au travail, à faire ce que l'on attend d'une femme dans la société, et donc à reconnaître l'autorité des hommes et d'abord de leurs pères, frères et maris.” (Godelier, M. - *La production des Grands Hommes* (1982).

²² Cf. Hermann, L. (op. cit., 1946, e 1948), e Diniz, É. (op. cit., 1968, e outros).

²³ Foneticamente, nas palavras em língua Wapixána, os sons, em geral, são similares aos da língua portuguesa, salvo em dois casos, neste texto: u, que soa aproximadamente como un em português, e ö, que soa como na língua alemã.

²⁴ voc. = vocativo.

²⁵ A variação de termos para a mesma posição estrutural indica filiações dos informantes a grupos locais Wapixána diversos (localizados em diferentes Áreas), inclusive alguns originários da Guiana.

²⁶ h.f. = homem falando.

²⁷ m.f. = mulher falando.

²⁸ n.p. = Nossa pesquisa.

²⁹ Diniz, É., - *Terminologia de parentesco dos índios Wapixána* (1968).

³⁰ Hermann, L., (op. cit., 1946). Este texto se baseia em anotações de Mauro Wirth, missionário beneditino, que esteve com os Wapixána (Vapidiana) na década de 30 e que veio a ser morto, quando em “ação pacificadora” de índios, nesta mesma década, na região do Rio Guaporé.